

VALORES E REFERENCIAÇÃO EM DISCURSOS MIDIÁTICOS MULTIMODAIS

Rosalice Pinto

Instituto de Filosofia e Centro de Investigação e Desenvolvimento
sobre Direito e Sociedade da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Introdução

A referenciação, em sua dimensão textual, constitui-se, como apontam Koch e Elias (2006), em uma atividade discursiva de ativação, desativação e reativação de objetos do discurso. Na verdade, é uma atividade dinâmica suscetível a uma ‘reatualização’ constante por parte dos sujeitos em contextos interacionais diversos a partir, tanto de *representações* dos objetos de discurso já previamente existentes em sua memória a longo termo (modelos previamente estabelecidos), quanto as do contexto físico, social e cultural em que se situa – Pinto (2018). Na verdade, trata-se de um fenômeno cognitivo, discursivo, mas também social, em que os objetos do discurso são construídos e re(construídos) em textos a partir de processos referenciais dinâmicos, contribuindo para a evolução textual, como salientam Cavalcante (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Assumindo aqui essa dinâmica intrínseca associada à referenciação e aos processos referenciais, alguns pressupostos merecem ser relevados.

Primeiramente, os textos constituem unidades comunicativas globais (Bronckart, 1999) e sendo de natureza multissemiótica, em que modos semióticos diversos estão presentes (além do verbal), todos os aspectos verbais e não-verbais podem vir a ter um papel relevante nos processos referenciais. Inclusive, tal questão já havia sido abordada por Mondada (2005, p. 15-16), mas veio a ser desenvolvida em contexto brasileiro, mais precisamente, nos estudos do grupo PROTEXTO, nomeadamente, nos trabalhos de Cavalcante & Brito (2018, no prelo)¹.

¹ Vale salientar o trabalho precursor no grupo PROTEXTO de Custódio Filho (2010) em contexto brasileiro que sinalizou a importância dos aspectos não-verbais para nos processos referenciais e mais concretamente no mesmo grupo, a contribuição de Oliveira-Nascimento (2014).

Em segundo lugar, ao considerar a influência dos aspectos contextuais de natureza sócio-histórico-culturais para o estudo da materialidade verbal e não-verbal em textos, considera-se também que a referenciação e os processos referenciais a ela atrelados podem vir a ser coibidos por aspectos genéricos associados aos textos em que estão inseridos. Dessa forma, os processos referenciais podem vir a assumir nos gêneros textuais/discursivos² funções diversas (Pinto, 2010; Santos, Pinto & Cabral, 2016, p. 168).

Por fim, partindo-se do fato de que a re(categorização) do referente em textos atende objetivos comunicacionais/genéricos específicos, de acordo com escolhas efetuadas pelo agente produtor em contextos interacionais, advoga-se a existência de uma espécie de ‘valoração individual’, mas também social, deste mesmo referente. Assim, os sujeitos, em textos/discursos socialmente instanciados, procuram focalizar ‘o tom valorativo’ a ser dado ao seu texto, fazendo para tal uma seleção de unidades textuais de natureza verbal ou não-verbal (lexemas, sintagmas, fotografias, dentre outros), *re (significando-os)* em discursos socialmente produzidos/interpretados.

Partindo desses pressupostos, esta contribuição apresenta dois objetivos. Inicialmente, mostrar de que forma algumas unidades textuais³ em evidência no espaço público midiático português, no ano de 2017, foram *re(valoradas)* por processos referenciais. Posteriormente, demonstrar que essas *re(valorações) referenciais* podem vir, em função dos gêneros textuais em que estão inseridas, suscitar certo apelo emocional junto à sociedade, causando algum impacto persuasivo. De forma a atender os objetivos propostos, serão apresentados dois estudos de caso: um exemplar do gênero textual⁴ *capa de jornal* e outro de um *artigo jornalístico*. O primeiro relativo à questão dos *incêndios florestais* e outro à criação da *geringonça*, no ano 2017. Tais expressões nominais foram as mais recorrentes na imprensa portuguesa na época⁵.

² Trabalhando-se aqui com a materialidade textual, preconiza-se, aqui, a noção de *gênero de texto*, adotada por Bronckart (1999) e Rastier (2003).

³ Uma unidade textual corresponde a um lexema, um sintagma, um parágrafo, uma imagem que tenha alguma ‘unidade de sentido’ dentro do universo textual (Pinto, 2010).

⁴ Assume-se aqui que os gêneros de texto ou gêneros textuais são modelos de texto com certo grau de estabilidade, composicional, estilística mas também podem ser permeáveis a certa criatividade. Para detalhes sobre a questão, ver Pinto (2015).

Para atingir os objetivos propostos, este trabalho apresentará alguns aspectos teóricos relevantes que nortearão as nossas análises sobre questões referenciais em gêneros textuais multimodais, como apontamos a seguir.

Percurso teórico

De forma a proceder a análise dos textos selecionados, convém definir alguns aspectos teóricos que serão aqui relevantes: a noção de *valor* associada à argumentação e também a de multimodalidade no âmbito da Semiótica Social, uma vez que trabalhamos com textos em que, além dos aspectos verbais, observamos a presença de elementos imagéticos.

Valor e argumentação

A questão axiológica de teor valorativo foi linguisticamente estudada, como já é de conhecimento de todos, em trabalhos precursores de Kerbrat-Orecchioni (1980) sobre o estudo da subjetividade axiológica na linguagem, do ponto de vista do léxico.

Ainda, mais recentemente, todos também estamos cientes dos relevantes trabalhos de Rastier (2003) ou, ainda, as contribuições de Rabatel (2011) sobre a temática: o primeiro, estudando a noção de valor do ponto de vista de uma semântica interpretativa; o segundo, relacionando-a ao conceito de ponto de vista.

Contudo, nesta contribuição, em que se procura associar a questão dos *valores* à noção de referenciação e de processos referenciais, merecem relevância sobretudo estudos teóricos que associam a noção de valor aos estudos sobre argumentação. Lembremos que se parte do pressuposto inicial de que os processos referenciais, inseridos em gêneros textuais, conferem aos textos em que ocorrem certa orientação argumentativa de natureza persuasiva (Pinto, 2010).

E é nesse contexto, que merecem destaque os trabalhos de Perelman e da Nova Retórica (doravante NR) que procuram associar o conceito

⁵ A Porto Editora, de acordo com pesquisas efetuadas junto aos leitores, aponta anualmente as palavras mais empregadas pela sociedade portuguesa. As expressões ‘geringonça’ e ‘incêndios’ foram as mais votadas na altura.

de argumentação a uma *lógica dos valores*, marcando certa clivagem com a visão cartesiana do conceito estritamente objetivo de argumentação imputada a Descartes. Trabalhos recentes de Koren revisitando a NR atestam algumas das grandes contribuições da NR, como observamos no excerto a seguir:

Ela [a NR] se opõe assim energicamente à supremacia de um sujeito que pensa, norma única e absoluta de qualquer verdade racional e defende a tese da existência de uma lógica de valores no seio da qual as paixões são objetivadas [...] Recusa unicamente dissociar o julgamento de fato do julgamento de valor e portanto limitar a aspiração e a atitude humana à racionalidade ao que tem origem numa lógica cartesiana sem consideração das realidades concretas e sócio-históricas de uma época precisa [...] julgamento de fato e julgamento de valor devem poder ser considerados interdependentes e às vezes indissociáveis. (Koren, 2012, p. 133).

Dessa forma, ao não dissociar completamente de sua teoria o conceito cartesiano da ação (influenciado por Descartes) e o de um sujeito que *pensa e avalia* as suas ações, Perelman aponta para uma visão heterogênea da linguagem, salientando uma dimensão referencial representativa e uma dimensão pragmática argumentativa, cabendo ao indivíduo, na construção de sua subjetividade discursiva, o papel de fazer interagir esses componentes, como salienta Koren (2012, p. 134), ao ratificar a contribuição da NR para os estudos sobre a argumentação. Mas como poderíamos relacionar esta lógica dos valores de teor argumentativo à questão da construção textual-discursiva?

Lembremos, para tal, que o ser humano é sobretudo um produto de seu meio sócio-semiótico-histórico, sendo um *indivíduo* e não apenas um *sujeito*, ou seja, um mero reprodutor do seu meio. Dessa forma, o conjunto de pré-construídos sócio-históricos é reproduzido e, ao mesmo tempo, é reconstruído/reatualizado de forma diferente em função de cada *indivíduo*. Esse processo é alimentado seja por processos interativos vários, seja pelo próprio efeito da semiotização do psiquismo de cada indivíduo.

Inclusive, é pelo *processo de abstração e de generalização que cada indivíduo tem a capacidade de abstrair-se dos determinismos e/ou constrangimentos de seu meio e da sua língua, de avaliá-los, aderindo a estes ou contestando-os e reatualizando-os.*

É a partir dessa dinâmica que os indivíduos constroem textualmente, por generalização, os seus *valores* e os seus conhecimentos. Na verdade, pode-se considerar que todo indivíduo é construído, de um lado, por determinismos sociais e, do outro, por uma tentativa de ultrapassar (atualizando constantemente) estes últimos. Pode-se, assim, considerar que existem *valores sociais de natureza mais universal*, e outros mais individuais, relacionados às necessidades específicas de cada indivíduo, em função do contexto sócio-histórico em que naquele momento ele se encontra. Em determinada *ação de linguagem*, contextualmente situada (num lugar e momento específicos) e com uma finalidade clara, o agente produtor produz textos. Estes, por sua vez, a partir dos seus aspectos textuais-discursivos, traduzem tanto valores socialmente indexados quanto valores individuais. Inclusive, estes últimos são reproduzidos e atualizados constantemente, como tentamos reproduzir no esquema a seguir:

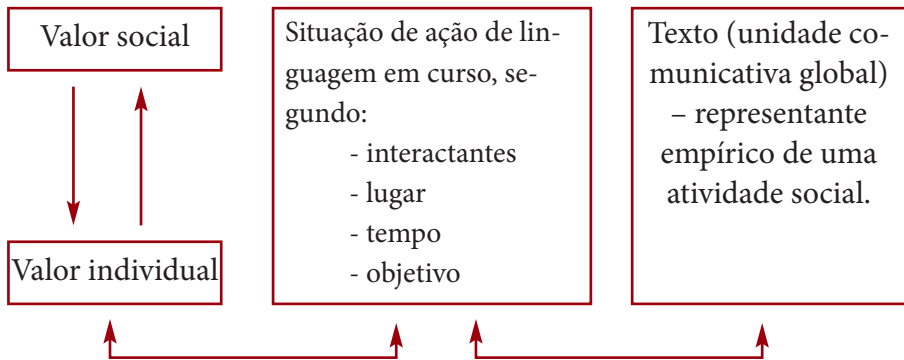


Figura 1

Mas de que forma os processos referenciais e a dinâmica referencial se articula com a o conceito de *valor*? Na verdade, a construção textual desenvolve-se a partir de escolhas multissemióticas [de ordem valorativa] perpetradas pelo agente produtor em função do contexto sócio-político-cultural em que se insere, considerando uma interação constante (mesmo implícita) com o(s) Outro(s). Assim, um referente, ao ser introduzido em um texto, já é uma escolha de determinado agente para representar algo, em um feixe de unidades verbo-visuais possíveis. Assim essas escolhas apontam, mesmo implicitamente, para certa to-

mada de posição, transmitindo ao texto certo teor argumentativo. Evidentemente, dependendo do gênero textual em que as expressões estão inseridas, pode existir um apelo também a questões de ordem emocional, contribuindo para a construção de uma argumentação retórica emocionada (Pinto & Cortez, 2017).

Multimodalidade e Semiótica Social

A partir de trabalhos precursores de Halliday, a perspectiva da semiótica social considera que todo modo semiótico possui recursos – como rede de sistemas – específicos para realizar três funções comunicativas básicas: a) construir representações da realidade (*função ideacional*); b) estabelecer relações sociais e interações (*função interpessoal*); c) organizar combinações de representações e interações em tipos de conjuntos chamados textos ou eventos comunicativos (*função textual*).

Kress e Van Leeuwen (2006/1996), na *Gramática do Design Visual*, adotam a noção hallidayana de *metafunções*, em sua proposta de análise de textos em que vários modos semióticos interagem, centrando-se no estudo das imagens e de outros elementos gráficos. Contudo, esses autores, no intuito de atender aos objetivos a que se propunham, realizaram algumas adaptações da teoria hallidayana de forma a adequá-la ao modo semiótico visual. Com isso, as *metafunções ideacional, interpessoal e textual* passam a ser denominadas *significados representacionais, interativos e composicionais*, respectivamente. Cada qual apresentando uma categorização específica⁶.

No âmbito deste trabalho, em que procuramos observar os processos referenciais veiculados pelas imagens⁷, deter-nos-emos nos significados *representacionais e interativos*, uma vez que serão importantes para as nossas análises.

Os *significados representacionais* são realizados (de modo concreto ou abstrato) pelos participantes (indivíduos, lugares ou coisas) descritos,

⁶ Para detalhes sobre as categorias dos significados sociais na *Gramática do Design Visual*, em língua portuguesa, ver Carvalho (2010a, 2010b) e Leal (2011).

⁷ Merecem destaques como mencionamos na introdução trabalhos realizados no âmbito do Grupo PROTEXTO, da Universidade Federal do Ceará, no âmbito desta temática. Dentre os vários trabalhos sobre a temática, destacamos os de Cavalcante & Brito (no prelo) e de Oliveira-Nascimento (2014).

e podem ser divididos em duas estruturas: a *narrativa*, relacionada a representações de eventos, ações e processos de mudança; e a *conceitual*, referente à representação da “essência” dos participantes, podendo ser *classificacional, analítica ou simbólica*.

Na *classificacional*, os participantes são representados com certo ‘grau de hierarquia’, havendo uma imagem que se sobrepõe a uma outra que lhe é subordinada.

Na *analítica*, existe uma relação de todo-parte em que existe uma espécie de ‘portador’ e alguns atributos que a ele estão relacionados.

Nas *simbólicas*, a identidade do portador é indicada ou sugerida, podendo ainda se subdividir em atributivas ou sugestivas. Pelas primeiras, os portadores podem vir a ser realçados quer por gestos, quer pelo tamanho da imagem, ou ainda por valores simbólicos culturais; pelas segundas, existe apenas uma mera sugestão de alguns elementos identificadores, sendo que os portadores não são evidenciados.

Os *significados interativos* são expressos pelo tipo de interação estabelecida entre os participantes representados, os produtores da imagem e os espectadores dessas mensagens visuais, através de três recursos distintos: o *sistema do olhar*, o *enquadramento* e a *perspectiva*.

Considero para tal que ao selecionar determinado processo referencial em detrimento de outro, o agente produtor já estará trazendo para o universo textual determinadas representações pré-existentes, presentes em sua memória a longo termo e também as que são co-construídas na interação com o(s) Outro(s). Esta ‘dinamicidade representacional’, com caráter interativo, é assim constitutiva dos textos que circulam socialmente.

Embora sejam ressaltados nesta contribuição os significados mencionados, selecionam-se apenas aspectos essenciais, relevantes para a descrição dos textos⁸

Metodologia

De forma a atender os objetivos propostos, foram selecionados alguns exemplares prototípicos (estudos de caso) de gêneros textuais de

⁸ Por delimitação espacial, foi feita a seleção de algumas categorias analíticas em detrimento de outras.

natureza persuasiva (Pinto, 2015): uma capa de jornal (jornal *Público*) e um artigo jornalístico (Jornal *Diário de Notícias*). O primeiro tem como tema os incêndios em Portugal, de 2017; o segundo, sobre o tema *geringonça* (introduzido no contexto político português na época).

Ao se relevar a importância do contexto de produção na construção textual, vale ressaltar alguns aspectos essenciais sobre os suportes midiáticos escolhidos; *Público* (grupo SONAE – Vicente Jorge Silva); *Diário de Notícias – DN* – (Diretor: Paulo Baldaia). O tempo de circulação é de 19 de junho de 2017 e de 6 de março de 2017, respectivamente.

Para fins analíticos, preconiza-se uma metodologia descendente de análise (Voloschinov 1997; Bronckart 1999, 2008). A materialidade plurissemiótica dos textos só pode vir a ser estudada a partir da análise do contexto em que foi produzida e interpretada. Na verdade, salienta – se que tal opção não procura evidenciar uma espécie de ‘determinismo’ contextual sobre essa materialidade textual, apenas mostrar a sua influência. Como aponta Rastier (2003a), o global determina o local, mas também acrescentamos que o local pode vir a ‘alimentar o global’, transformando-o e reatualizando-o.

Análise dos textos

Serão analisados um exemplar de uma capa de jornal do jornal Público (estudo de caso 1) e um artigo jornalístico do DN (estudo de caso 2), como apontamos.

Estudo de caso 1 – Gênero capa de jornal

A *capa de jornal* tem uma finalidade que lhe é peculiar: fazer com que um possível comprador seja convencido a adquirir determinado jornal em detrimento de outro, podendo seduzir ou mesmo afastar um futuro leitor/comprador do veículo.

As capas de jornal apresentam as notícias mais importantes, tanto do local em que o jornal é publicado quanto do mundo, a serem desenvolvidas no interior do veículo, com menção da localização das mesmas. Suas manchetes apresentam tipografia diferenciada de forma a captar a

atenção do público – Bazerman (2005, p. 38). Dessa forma, ressalta-se a importância do design gráfico e da(s) foto(s) presentes na capa para intensificar e apoiar as manchetes. É um texto multimodal por excelência.

Para efeitos ilustrativos, foi selecionada a capa do jornal *Público* do dia 19 de junho de 2017: data posterior a um dos maiores incêndios florestais ocorridos em Portugal – os do distrito de Leiria, em Pedrógão Grande com uma área queimada 53000 ha, que ocasionaram 66 vítimas mortais.

Estudo de caso 1 – Re(valoração) referencial

No texto em análise, observa-se a quase inexistência de elementos verbais: apenas há a presença de uma unidade textual “porquê”, que funciona como uma espécie de marca introdutora de uma questão retórica em que a ‘resposta’ já é antecipada pelo leitor. O descaso das autoridades é a ‘causa real’ desta tragédia.

O processo referencial é desencadeado pelo leitor a partir de um mecanismo inferencial. O conhecimento prévio que este tem sobre o acontecimento ocorrido na véspera: incêndio em Pedrogão Grande, embora não mencionado explicitamente, funciona como uma espécie de *leitmotiv* para a construção de toda a cadeia referencial suscitada neste universo textual.

Dessa forma, invocamos que o processo referencial implica além das três operações básicas suscitadas por Koch (2006): *a de ativação ou introdução do referente; a reativação e o de re-ativação*⁹; uma operação prévia que antecede a primeira apresentação do referente no universo textual. Nesta, o agente produtor seleciona, a partir de elementos contextuais diversos (objetivo, papel social dos interlocutores, aspectos temporais, espaciais, dentre outros) de que forma o conteúdo temático será instanciado no universo textual. E é esta forma de ‘dizer’ e de ‘mostrar’ esse conteúdo que será reativada pelo ‘intérprete’ quando do processo de interpretação do texto. E é neste nível que, enquanto analista de textos/discursos, me situou.

⁹ Para Koch (2006, p. 83), a ativação ou introdução do referente corresponde à apresentação pela primeira vez de um objeto de discurso no mundo textual; a reativação ocorre quando esse referente é reativado a partir de uma expressão referencial; a de-ativação diz respeito a uma nova focalização do referente a partir de outra expressão referencial.

Em textos plurissemióticos, defendemos, assim como outros teóricos, nomeadamente Cavalcante, Custódio Filho & Brito (2014) e Cavalcante & Brito (no prelo) que as imagens, assim como outros elementos não verbais, podem vir a ser utilizados para a ativação de referentes, tanto no processo de produção quanto no de interpretação. É exatamente nesse viéz que a *metafunção representacional*, definida na Gramática do Design Visual por Kress & van Leeuwen (1996/2006)), assume um papel relevante¹⁰. Lembremos que através desta, o agente responsável pela produção evidencia as suas representações sobre determinado ‘tema’, selecionando determinadas formas verbais/não verbais que atendam ao seu propósito comunicativo.

No texto em análise, podemos pressupor a existência de uma cadeia referencial composta por vários níveis, dinamicamente instaurados.

Em um primeiro nível, de ordem estritamente sócio-cognitiva, há a seleção, por parte do agente produtor ou do intérprete de um ‘referente’ de natureza ‘ainda’ conceitual, de teor mais abstrato, e com tal não materializado textualmente. Neste caso, teríamos “incêndio em Pedrógão Grande” de 18 de junho de 2017, como elemento desencadeador de toda a construção textual. É a partir dessa temática que são selecionadas as imagens e outros elementos verbais ou não a constarem na capa do jornal do dia seguinte.

Em um segundo nível, teríamos uma espécie de *representação conceitual analítica de ordem estática* em que a primeira página de jornal ressalta as consequências da tragédia junto à terra, às árvores, aos carros, à população. Existe assim entre o primeiro e o segundo nível uma espécie de relação *de parte e todo*. A recategorização do referente é observada de um ponto de vista amplo.

Em um terceiro nível, são focalizadas as consequências da tragédia, através dos objetos e das pessoas atingidas. Pode-se inclusive considerar a existência de uma *representação conceitual classificacional* em que se observa uma hierarquização das diversas imagens apresentadas na capa, contribuindo para uma certa individualização das mesmas. Tal aspecto, inclusive, é reforçado também pela *metafunção interativa*, relativa ao

¹⁰ Assumimos aqui o ponto de vista defendido por Cavalcante & Brito (no prelo), ao evidenciar o papel da metafunção representacional para a construção dos processos referenciais em textos multissemióticos.

próprio plano de apresentação das imagens: no primeiro plano aparece o carro incendiado, em seguida, as florestas e o solo devastados e por fim o êxodo humano. Para a representação deste último, é utilizada a *metafunção representacional narrativa*, em que o indivíduo é colocado de costas em movimento, em busca de novo rumo.

Observa-se, assim, que existe uma cadeia referencial de teor imagético instaurada neste universo textual com diferentes enfoques, de ordem mais geral ou particular. Contudo, advogo que essa cadeia referencial é construída e interpretada em função de valores sociais e individuais.

Ao considerar que a produção textual é uma ação linguagem em que um agente reproduz ‘modelos textuais’ já presentes em sua memória a longo termo (teor social) e os reatualiza (teor individual), num processo dinâmico, os valores tanto sociais quanto individuais estarão atrelados forçosamente a esses dois níveis.

As imagens selecionadas não são aleatórias, foram escolhidas pelo veículo para fazer referência às consequências deixadas pelos incêndios e o nível de destruição ocasionado. No caso deste exemplar de gênero em particular, face à gravidade do acontecimento, existe um apelo emocional ao público (incluindo também as autoridades que deixaram que o fato acontecesse). Os *valores sociais de ordem pragmática* (as próprias consequências dos incêndios), *ética* (a incompetência política das autoridades) são evidenciados através da própria construção de uma argumentação *ad misericordiam*, que como se sabe apela para o sentimento de piedade para sustentar determinada conclusão. Tal técnica, tradicionalmente considerada uma falácia, é atualmente validada pelos teóricos da argumentação, que reconhecem a importância da emoção na argumentação¹¹ para atingir determinada intenção comunicativa.

Estudo de caso 2 – artigo jornalístico

Como sabemos, este corresponde a um gênero jornalístico por excelência dando a conhecer aos leitores fatos atuais ou remotos. Como sabemos, tem uma estrutura com características composicionais e estilísticas

¹¹ Para detalhes sobre a relação entre argumentação e emoção, ver trabalhos de Walton (1992), Macagno & Walton (2014) e Plantin (2011).

com certa estabilidade. Por um lado, há a presença de esquemas, mapas, tabelas com legendas (fazendo papel de contextualizadores), do *lead*; por outro, de uma materialidade plurissemiótica cuja simples seleção temática e estilística implica necessariamente uma tomada de posição do veículo e dos profissionais responsáveis pela sua elaboração. Dessa forma, a *pretensa* objetividade relacionada a sua elaboração, tão assiduamente descrita nos manuais jornalísticos, tem vindo a ser contestada.

O artigo em análise é extraído do *Diário de Notícias*, de 6 de março de 2017, e é assinado por Manuel Carlos Freire, Este veículo é endereçado a leitores integrados a um público socio-culturalmente favorecido.

O artigo está inserido na rubrica *Portugal* com as seguintes características:

Tema: geringonça¹²

Título – Universidade de Harvard vai estudar a geringonça

Sub-título – Simpósio com académicos e políticos na prestigiada universidade dos EUA procura perceber o futuro da esquerda face à onda de populismo de extrema-direita que cresce na UE.

Como já apontado em trabalhos anteriores (Pinto, 2010), o título é um elemento importante na estruturação de textos mediáticos em que se procura um elemento sintetizador que englobe o conteúdo geral do texto que vai ser introduzido e ao mesmo tempo capte a atenção do leitor para ler a notícia. No caso, o próprio fato de inserir uma unidade textual introduzida pela expressão nominal “Universidade de Harvard”, cujo teor valorativo é consensualmente positivo e credível, é um apelo à leitura do texto, suscitando certa curiosidade do leitor: como é que se pode relacionar uma entidade de renome internacional a um termo reconhecidamente tão depreciativo? E o subtítulo, com uma tipografia diferenciada já começa a ‘ampliar’ referencialmente expressões nominais

¹² Em novembro de 2015, embora o Governo da coligação Portugal à Frente (Partido Social democrata e CDS) terem ganho por maioria de votos, não conseguiu apoio parlamentar maioritário para entrar em funções. Para solucionar a questão o Partido Socialista (PS), 2o mais votado, estabelece acordo com os três partidos de esquerda: Bloco de Esquerda (BE), Partido Comunista Português (PCP) e Partido Ecologista “Os verdes” (PEV) e consegue apoio maioritário para governar o país. Esta aliança foi denominada ‘geringonça’ por Vasco Pulido Valente e Paulo Portas para designar a coligação de esquerda que tem governado o país na contramão das políticas de austeridade imposta pela troica (FMI, União Europeia e Banco Central Europeu).

presentes no título, esclarecendo-as. A ‘Universidade de Harvard’ é referenciada como ‘a prestigiada universidade dos EUA’; a ‘geringonça’, como o ‘futuro da esquerda’. De qualquer forma, a curiosidade do leitor ainda continua a ser ‘aguçada’.

Contudo, como deter-nos-emos preferencialmente na construção referencial do termo ‘geringonça’, restringiremos a ver como ele é reconstruído, atualizado e re(valorado) na superfície textual.

Estudo de caso 2 – Re(valoração) referencial

Antes de estudarmos a construção dos processos referenciais do termo ‘geringonça’, no texto em análise, merece a nossa atenção a forma como tal expressão é dicionarizada. A partir da Infopédia (dicionários Porto Editora)¹³ para a entrada *geringonça*, são vários os significados a ela atrelados.

- (1) Construção pouco sólida e que se escangalha facilmente.
- (2) Aparelho ou máquina considerada complicada; engenhoca
- (3) Coisa consertada que funciona a custo.
- (4) *Figurado* sociedade ou empresa complexa e pouco credível.
- (5) *Figurado* qualquer coisa ou ideia engendrada de improviso e que funciona com dificuldade.
- (6) calão; gíria

Contudo, para percebermos o valor atrelado ao termo, devemos contextualizar socio-historicamente a sua utilização, como apontamos em nota. Na verdade, ao ser utilizado pela primeira vez para nomear a união do Partido Socialista com os partidos de esquerda, Vasco Pulido Valente e Paulo Portas (políticos de direita) o fizeram para mostrar o carácter pouco credível a ela associado, como já mencionado. Na verdade, já existe por parte deles, uma valoração de carácter individual, em função de uma de ordem social consensual daquilo que os partidos de direita representam os da esquerda: pouco credíveis e pouco sólidos. Contudo, a partir da construção textual, existe uma ‘desconstrução’ desse valor

¹³ *Geringonça* In *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* [on-line], Porto: Porto Editora, 2003-2018. Acesso em: 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionários/lingua-portuguesa/geringonca>.

axiologicamente negativo atribuído ao termo para uma re(valorização) do mesmo.

Apontamos alguns exemplos a seguir:

- (1) “Universidade de Harvard vai estudar a geringonça” – título
- (2) “Simpósio com académicos e políticos na prestigiada universidade dos EUA procura perceber o futuro da esquerda face à onda do populismo de extrema-direita que cresce na UE”. – subtítulo
- (3) “O cientista político António Costa Pinto conta ao DN que foi convidado a participar no simpósio que Harvard realiza [...] por causa da experiência portuguesa da geringonça” – o governo do PS com apoio parlamentar do Bloco de Esquerda e do PCP – 2º parágrafo, linhas 6 a 8.
- (4) “O PS português tem conseguido estancar esse declínio [...] lembrando o interesse que a imprensa estrangeira tem mostrado pela solução governativa liderada por António Costa” – 6º parágrafo, linhas 9 a 13.
- (5) “Costa Pinto entende que a geringonça “não é exportável” – como se viu em Espanha – 7º parágrafo, linhas 1 a 3.

Como observamos, já em (1), no própria título do artigo, a *geringonça* é apontada como assunto a ser estudado em uma universidade de muita credibilidade – a de Harvard – , suscitando, como já dissemos, uma surpresa junto ao público, ‘aguçando a sua curiosidade’. Como relacionar o sentido comumente atribuído à expressão (de carácter pejorativo) ao interesse da academia? Tal fator atrai o leitor para entender como essa relação é estabelecida.

Em (2), por outro lado, já é atribuído também ao termo um carácter também político, não apenas académico, uma vez que está associado ao ‘futuro da esquerda’, opondo-se aos movimentos de extrema-direita na Europa. Na verdade, existe um *valor ético* associado. Já é socialmente reconhecido que os movimentos de extrema-direita na Europa procuram resgatar valores que relembram as atrocidades cometidas durante guerras europeias no século XX em que muitas das minorias étnicas sofreram vários tipos de violência, sendo perseguidas e até mortas.

Em (3), o termo é referido, a partir de uma citação de um cientista político, como uma ‘experiência portuguesa’. Tal empirismo, associado a junção dos partidos de esquerda, atesta também o ineditismo e a ino-

vação do governo português, demarcando uma identidade nacional. Tal aspecto é também ratificado em (5), com a declaração do político Costa Pinto, mencionando que a geringonça “não é exportável”. As opiniões e citações dos políticos credibilizam a iniciativa apontada e, ao mesmo tempo, o uso da *argumentação por autoridade* valida as declarações efetuadas pelos políticos.

Assim, a reavaliação atribuída ao termo reatualiza o conceito de *geringonça*. Compete ao texto provar ao leitor que realmente o caráter axiológico associado ao termo passou a ser positivo e tal fato fortalece também certo *ethos* de identidade e patriotismo nacionais, uma vez que foi uma criação portuguesa e vem a ser estudada mundialmente como uma solução governativa eficaz para que os movimentos da extrema direita se enfraqueçam na Europa e no mundo.

Considerações finais

Um agente produtor ao selecionar determinado termo/expressão para ser inserido/a num texto já o faz em função de suas representações sociais/individuais. Com isso o caráter valorativo axiológico dessa seleção é intrínseco aos próprios processos referenciais que se desenvolverão no universo textual. Contudo, a esta lógica valorativa estará associada também uma dimensão argumentativa, uma vez que toda escolha efetuada trará a impressão digital do agente produtor no seu dizer em função de aspectos contextuais vários (interlocutores envolvidos, lugar e momento da interação, contexto sócio-político-cultural, dentre outros).

O trabalho sobre a referenciação e a lógica de valores poderá vir a ser enriquecido se feito em uma perspectiva de gênero textual, como podemos vir a perceber com a análise dos dois exemplares de gêneros textuais estudados: a capa de jornal e o artigo jornalístico. O primeiro, de caráter mais fortemente multissemiótico (com o uso de imagem) é mais permeável a uma construção referencial de teor mais inferencial e emotivo. Tal aspecto foi ressaltado, fortemente, pela função representacional e interativa.

O segundo, ao contrário, face ao próprio gênero – mais tradicionalmente ritualizado – apresenta uma construção referencial com um ca-

ráter argumentativo mais demonstrativo: o objetivo é demonstrar que o termo geringonça, atualmente, tem um valor axiologicamente positivo para a política europeia e mundial.

Evidentemente, o estudo efetuado limitou-se, por limitações espaciais, à análise de dois exemplares de gêneros textuais diferentes e, como tal, não possibilita generalizações. Análises em um corpus mais extenso seriam interessantes para comprovar as hipóteses apresentadas.

De qualquer forma, é importante insistir no fato de que a referência, os processos referenciais que a subjazem e os valores atrelados, devem ser estudados respeitando uma metodologia descendente analítica, como evidenciamos, face à relevância do contexto sócio-político-histórico em que ocorrem. O texto em que estão inseridos e (re) atualizados é apenas uma unidade de comunicação, dentre várias outras possíveis.

Referências

- Adam, J-M. (2011). *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos* (M. G. S. Rodrigues et al., Trad.). São Paulo: Cortez.
- Bazerman, Ch. (2005). *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez.
- Bronckart, J-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC.
- _____. (2006) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado das Letras.
- _____. (2008). Genres de texte, types de discours et “degrés” de langue. Hommage à François Rastier. *Texto*, XIII (1).
- Carvalho, F. F. (2010a). Os significados sociais construídos pela primeira página de jornais mineiros. *Linguagem em (Dis)curso*, 10 (1), 69-89.
- _____. (2010b). Semiótica Social e Gramática Visual: o sistema de significados interativos. *Anglo Saxonica*, III (1).
- Cavalcante, M. (2011). Leitura, referência e coerência. In V. M. Elias (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto.
- _____. ; Custódio Filho, V. & Brito, M. A. P. (2014). *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez.
- _____. & Brito, M. A. P. (no prelo). Estratégias de referência em textos multissemióticos. *Linguistic Studies/ Estudos Linguísticos*. Lisboa: Colibri.
- Custódio Filho, V. (2010). *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Halliday, M. A. K. (1978). *Language as Social Semiotic*. London: Edward Arnold.

- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *Lénonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.
- Koch, I. V. (2006). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- ____ & Elias, V. M. (2006). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- Koren, R. (2012). A lógica dos valores segundo Perelman e sua contribuição à análise do discurso (S. G. Q. Seabra & M. H. C. Pistori, Trad.). *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos integrados em Discurso e Argumentação*, 2, 126-141.
- Lage, N. (1998). *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Vozes.
- Leal, A. (2011). *A organização textual do gênero cartoon: aspectos linguísticos e condicionamentos não linguísticos*. Tese (Doutorado em Linguística). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Macagno, F. & Walton, D. (2014). *Emotive Language in Argumentation*. Cambridge: University Press.
- Mondada, L. & Dubois, D. (2003). Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais (M. M. Cavalcante, Trad.). In M. M. Cavalcante et al. (Orgs.). *Referenciação* (pp. 17-52). São Paulo: Contexto.
- Oliveira-Nascimento, S. S. (2014). *A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Perelman, Ch. (1989). *Rhétoriques*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles.
- ____ & Olbrechts-Tyteca, L. (1983). *Le traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique*. Bruxelles. Editions de l'Université de Bruxelles.
- Pinto, R. (2010). Valores socioculturais na comunicação organizacional. In A. S. Silva et al. (Org.). *Comunicação, Cognição e Media*. Braga: Aletheia.
- ____ (2010). *Como argumentar e persuadir. Práticas: política, jurídica e jornalística*. Lisboa: Quid Juris.
- ____ (2015). Argumentação e persuasão em gêneros textuais. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 9, 102-114.
- ____ & Cortez, S. L. (2016). Do *pathos* retórico à 'empatia rabateliana': argumentação emocionada em discursos polemicos. *Revistas de Letras*, 36 (2), 53-62.
- Plantin, Ch. (2011). *Les bonnes raisons des émotions. Principes et methods pour l'étude du discours émotionné*. Berne: Peter Lang.
- Rabatel, A. (2011). Épistémologie et éthique de la valeur: du sémiotique au rhétorique (et retour). *Semen*, 32, 55-72.
- Rastier, F. (2003a). Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée. *Cahiers de l'Herne*, 76, 23-51.
- ____ (2003b). De la signification au sens. Pour une sémiotique sans ontologie. *Textol!*, VIII (2-3).
- Santos, L. W., Pinto, R. & Cabral, A. L. T. (2016). Referenciação em textos jurídicos: da argumentação na língua à argumentação no gênero. In R. Pinto et al. (Orgs.). *Linguagem e Direito: perspectivas teóricas e práticas* (pp. 165-178). São Paulo: Contexto.
- Volochinov, V. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

Anexo 1 – Público, 19 de junho 2017, p. 1



Fonte: <https://observador.pt/2017/06/19/o-inferno-de-PedrogaoGrande/em>32>capas>de>jornal>Observador>. Acesso em: 29 ago 2018.

Anexo 2 – Diário de notícias, 6 de março 2017, p. 6

6

Segunda-feira, 6 de março de 2017. Diário de Notícias

Portugal

Universidade de Harvard vai estudar a geringonça

Europa. Simpósio com académicos e políticos na prestigiada universidade dos EUA procura perceber o futuro da esquerda face à onda de populismo de extrema-direita que cresce na UE

MANUEL CARLOS FREIRE

Depois da imprensa internacional, de partidos e líderes políticos de vários países europeus que visitaram Lisboa, a curiosidade sobre a geringonça que governa Portugal entra no meio académico através de uma das mais prestigiadas universidades dos EUA: Harvard.

O cientista político António Costa Pinto conta ao DN que foi convidado a participar no simpósio que Harvard realiza a 11 de abril "por causa da experiência portuguesa da geringonça" – o governo do PS com apoio parlamentar do Bloco de Esquerda e do PCP.

Portugal "aparece como a exceção simpática" numa UE – França, Holanda, Suécia, Dinamarca, Alemanha, Hungria, Polónia, Itália, Hungria – marcada pela subida dos populismos de esquerda e, em especial, da extrema-direita, diz o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

O debate organizado pelo Centro de Estudos Europeus da Universidade de Harvard (Cambridge, estado de Massachusetts), parte da questão: "Há futuro para a esquerda na Europa?" para conhecer as "perspetivas de líderes políticos" (como o espanhol Joaquín Almunia) e "de académicos" como Costa Pinto, desde janeiro a trabalhar na Universidade de Nova Iorque.

"A razão do interesse sobre Portugal tem que ver com a globalização do populismo sobretudo com o fenómeno Trump. Donald Trump andar a fazer declarações sobre a Europa [...] veio fazer que a comunidade política e académica americana se interessasse mais pela Europa", explica António Costa Pinto.

"Portugal surge aqui por ser aparentemente um caso excecional, na medida em que não tem partidos populistas e na medida em que, numa fase em que a esquerda se assiste ao declínio dos partidos socialistas, o PS português tem conseguido estancar esse declínio", prossegue o investigador, lembrando o interesse que a imprensa estrangeira tem mostrado pela solução governativa liderada por António Costa.



António Costa sempre recusou a ideia de que a governação é uma responsabilidade exclusiva do PS, PSD e CDS, excluindo o BE e o PCP

ANTÓNIO COSTA "Incerteza e medo são inimigos" da economia

O número deste mês da revista publicada pela companhia aérea British Airways, *Business Life*, traz uma entrevista de duas páginas com o primeiro-ministro português, onde António Costa destaca a importância de criar um clima de confiança positivo

Junto das pessoas e das empresas porque "a incerteza e o medo são inimigos do crescimento económico". Costa foi entrevistado por Vikas Shah, um empreendedor indiano que é professor do Lisbon MBA (promovido pelas universidades Nova e Católica).

Costa Pinto entende que a geringonça "não é exportável" – como se viu em Espanha. Mas a verdade é que "após uma grande incerteza expressa por observadores políticos e pela UE (para não falar das agências de rating face à aliança) do PS com os eurocríticos comunistas e bloquistas, justifica-se que seja objeto de estudo quando "os objetivos difíceis impostos por Bruxelas são cumpridos" e isso "é um compromisso do governo".

MEDIA INTERNACIONAL

O funcionamento da maioria tem trazido vários jornalistas e políticos a Lisboa nas últimas semanas

"Contraction", traduzem os anglo-saxónicos...

O site europeu do jornal online norte-americano Público publicou há dias um artigo com o título "A esquerda europeia quer uma paça da contraction portuguesa". Segundo o jornalista Paul Ames, "os socialistas europeus [...] estão a folhear os dicionários para encontrarem uma tradução da palavra portuguesa geringonça", e se a solução "pode ser impossível de replicar" noutros países, "é fácil de ver que muitos estão ansiosos por ver se pelo menos alguns componentes da geringonça estão disponíveis para exportação". O Huffington Post foi outro jornal online a escrever sobre o tema, enquanto a revista britânica *Monocle* acaba de dedicar a Portugal 64 das 300 páginas da última edição.

... "Brinquebalante", dizem os franceses...

O candidato socialista às presidenciais de França, Benoît Hamon, deslocou-se há dias a Lisboa para falar pessoalmente com os principais atores do que traduziu como "brinquebalante". Em entrevista ao Público, após reunir com PS, BE e as centrais sindicais, além de elogiar o PCP, Hamon não poupou nas palavras: "O que se passa em Portugal inspira-me tanto por ser o país onde "a esquerda decidiu que queria ganhar, por isso uniu-se e governou". Também o jornal francês *Le Monde* escreveu sobre "o sucesso da esquerda plural", tendo o correspondente enviado a Lisboa, Jean-Baptiste Chastand, concluído que "a geringonça está a funcionar" e a alcançar "resultados positivos" na área económica.

... e "Krakende wagen", escrevem os holandeses

Membros do Partido Trabalhista Holandês, que vai a eleições no próximo dia 15, visitaram Portugal no final de janeiro para analisar uma coligação governativa a que chamam "Krankende wagen" e que "é como uma inspiração" para os partidos de esquerda europeus, disse o líder do grupo no Público, "Queremos ver que medidas estão a tomar e quais os resultados", explicou Sebastian van der Vliet, acrescentando que PS, BE e PCP "estão a tentar fazer coisas diferentes em termos orçamentais e na relação com as instituições europeias. Queremos descobrir se há alternativa e espalhar a palavra" depois de "ver como um governo de esquerda está a funcionar" no espaço comunitário.

Fonte: <https://google.pt/amp/s/www.dn.pt/portugal/interior/amp/universidade-de-harvard-vai-estudar-a-geringonca-5706845.html>. Acesso em: 29 ago. 2018.

